



CONSELLO
DA CULTURA
GALEGA

SEMINARIO INTERDISCIPLINAR

O(S) SENTIDO(S) DA(S) CULTURA(S)

COORDINADO POR RAMÓN MAIZ

A CULTURA E O NOVO MUNDO NOVO

Isabel Pires de Lima

Xoves, 17 de xuño de 2010

17:00 horas

CONSELLO DA CULTURA GALEGA



Isabel Pires de Lima

Universidade do Porto. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde ensina Literaturas de Língua Portuguesa desde 1974 e onde se doutorou em Literatura Portuguesa, em 1987, com a tese *As Máscaras do Desengano - Para uma leitura sociológica de "Os Maias" de Eça de Queirós* (Lisboa, Editorial Caminho, 1987). Professora convidada em Universidades europeias, americanas, asiáticas e africanas.

Coordenadora da equipa portuguesa da Universidade do Porto que colaborou no projecto *Lettres Européennes - Histoire de la Littérature Européenne* (Paris, Hachette, 1992), das equipas que organizaram o Iº *Encontro Internacional de Queirosianos (Eça e "Os Maias"*, Porto, Edições Asa, 1990), o Colóquio *Antero de Quental e o Destino de uma Geração* (Porto, Edições Asa, 1993), o Encontro "Neorealismo/Neorealismos" (*Vértice*, nº 75, Dezembro de 1996), o Colóquio Internacional *Eça de Queiroz - 150 anos do nascimento* (Câmara Municipal de Sintra, *Vária Escrita*, nº4, 1997), o Encontro "*Seara Nova - Razão/Democracia/Europa - Textos e Contextos*" (Câmara Municipal de Matosinhos/Casa Museu Abel Salazar, 1998), a série de colóquios "Outras Faces de Eça de Queirós – um mês com Eça centenário" (FLUP 2000) e o Colóquio Internacional *Viagem do Século XX em José Gomes Ferreira* (Porto, Campo da Letras - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002).

Jurada de várias edições dos Grandes Prémios APE do Romance, do Conto, da Literatura Biográfica e do Ensaio, do Prémio Correntes de Escritas da C.M. da Póvoa de Varzim, do Prémio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora, dos Prémios Jacinto do Prado Coelho e Consagração da Associação Internacional de Críticos Literários, do Prémio Pen Clube e do Prémio Camões dos Ministérios da Cultura de Portugal e do Brasil Comissária Científica do Instituto Camões para o "Encontro de Literaturas Ibero-Americanas", organizado no âmbito da VIII Cimeira Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo (Porto, 16-7 de Outubro de 1998) e para a acção "Eça de Queirós entre milénios: Pontos de olhar" (Havana, Paris, Rio de Janeiro, S. Paulo, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Brasília, Bristol, Montevidéu, Buenos Aires, Santiago do Chile, 2000/1) de comemoração do centenário de Eça de Queirós no estrangeiro.

Integra a equipa de investigadores encarregada pelo MC da preparação da edição crítica da obra completa de Eça de Queirós, o conselho de redacção da revista *Queirosiana* e o colectivo que produziu o *Dicionário de Eça de Queiroz*, coordenado por Campos Matos (Lisboa, Editorial Caminho, 1988; 2ªed., 1994; *Suplemento*, 2000). Foi membro da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário de Eça de Queirós, nomeada pelo MC. Publicou *Retratos de Eça de Queirós* (Porto, Campo das Letras / Fundação Eça de Queiroz, 2000), editou *A emigração como força civilizadora* (Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000), editou e prefaciou *O Crime do Padre Amaro* com ilustrações de Paula Rego (Porto, Campo das Letras, 2001) e *Visualidades – A Paleta de Eça de Queirós* (Porto, Árvore–Cooperativa de Actividades Artísticas - Casino da Póvoa, 2008). Pertence aos corpos directivos da Associação Internacional de Lusitanistas, da Fundação Eça de Queiroz e da Cooperativa Árvore e ao Conselho Consultivo do Festlatino (Festival Internacional de Culturas e Literaturas Neolatinas–Brasil).

Ministra da Cultura do XVIIº Governo Constitucional (2005-2008). Deputada à Assembleia da República nas VIIIª, IXª e Xª Legislaturas (1999-2005/2008-2009).

A CULTURA E O NOVO MUNDO NOVO

Isabel Pires de Lima

A cultura, é consabido, tem uma multiplicidade de aceções. No sentido mais lato, abrange todas as actividades, formas e estratégias de vida de uma população, as práticas quotidianas, as actividades produtivas e as de lazer, a relação com a terra e com o clima, os valores, as crenças, os usos e costumes, as tradições, os testemunhos patrimoniais de génio e criatividade na história e na actualidade...

Neste sentido, tudo na vida traz a marca da cultura a que pertencemos e é inseparável desta. Mesmo quando algum ou alguns de nós afirmam, em maior ou menor medida, uma individualidade conflitual com ela, certo é que, mesmo nesses casos, não se perde a relação de pertença, que tem de ser entendida numa perspectiva dialéctica e dinâmica. Todas as culturas estão em movimento e em transformação permanentes. Todas dialogam com o passado e transportam o futuro. E todas são, além disso, por natureza, interculturais, reafirmando as suas respectivas identidades no diálogo e na mútua troca de experiências ou influências.

Mas há uma outra aceção de Cultura, de sentido mais estrito, que se reporta ao chamado sector cultural e onde cabe o chamado património imaterial (constituído pela língua, pelos seus dialectos e pelas tradições etnográficas e antropológicas), a paisagem cultural, o património histórico edificado, o património móvel e documental (conservado nos museus, bibliotecas, cinematecas e arquivos), e, é claro, todo aquele conjunto diversificado de actividades de criação, comunicação, difusão e recepção ligadas às diferentes artes: literatura, música, teatro, dança, cinema e audiovisual, artes plásticas, arquitectura, design, artes ditas digitais e manifestações híbridas ou ecléticas transversais a várias delas.

Ora, o sector cultural atravessa profundas transformações que decorrem tanto da própria dinâmica de criatividade que lhe é intrínseca, como, de igual modo, da rápida evolução tecnológica e do respectivo impacto na produção e na difusão de bens culturais e está a ganhar consciência da sua importância económica crescente

e a constatar a relevância de contribuir para uma maior percepção pública e visibilidade de tudo quanto ele representa enquanto factor de desenvolvimento das sociedades contemporâneas.

Deixou-se de poder olhar para a Cultura apenas nas suas dimensões espiritual e lúdica. Hoje, a Cultura requer um olhar multifacetado e transversal que é simultaneamente político, social e económico. Político, porque no seio da Cultura se desenvolvem ideias e movimentos que mudam as sociedades. Social, porque é na Cultura que os povos encontram a sua identidade e, através do diálogo e conhecimento mútuo, descobrem o encontro e comunhão de valores com que cimentam a coesão de grupo e os sentimentos de pertença. Económico, porque as actividades culturais e criativas são, desde logo, a primeira fonte criadora da inovação, hoje essencial à capacidade de produção e competitividade.

Em suma, cada vez mais a cultura representa um eixo fundamental no desenvolvimento e definição das estratégias económicas, sociais, tecnológicas e educacionais que visam estimular a produção de conteúdos criativos inovadores, os quais representam hoje um crucial factor produtor de riqueza e competitividade.

Por tudo isto é já bastante consensual a ideia de que a cultura não é aquilo de que se deve tratar quando tudo o resto, tido como prioritário para o desenvolvimento, já está tratado, uma cereja com que se remata o bolo, para passar a ser entendida como um factor angular de desenvolvimento social e económico. Na sua dupla dimensão de criação e de fruição passou a ser encarada como promotora da abertura das populações a novos conhecimentos e a realidades outras, criando massa crítica, essencial para a transformação e/ou qualificação do tecido económico e social.

Em suma, a cultura fortalece a identidade, afirma as diferenças locais e nacionais, defende um património físico, linguístico e imaterial e, simultaneamente, projecta para o outro, quando revitalizada pela experiência da contemporaneidade. E também por esta via a cultura é mobilizadora da inovação.

É que a capacidade de competir e prosperar presentemente na economia global já não se baseia como no passado nos recursos naturais e no capital físico mas cada vez mais na criatividade humana e na habilidade das nações em atrair, reter e proporcionar a expressão de pessoas criativas. Para muitos especialistas, como Richard Florida, a competitividade futura vai depender dos chamados **3 T's** do crescimento económico -

Tecnologia, Talento e Tolerância.

- A Tecnologia é elemento central como função de concentração de inovação, gerando progresso tecnológico e crescimento a longo-prazo.
- O Talento é importante porque reflecte a existência de recursos humanos capacitados para os desafios da inovação e da produtividade no médio e longo prazos os quais requerem competências criativas.
- A Tolerância, no sentido de abertura e capacidade de diálogo com as diferenças do Outro, afecta a possibilidade das nações e regiões mobilizarem a sua própria capacidade de criatividade e competirem em termos de talento criativo. Quanto mais aberta e inclusiva for uma cidade, região ou nação, mais fácil será atrair talento. Um prémio Nobel da economia como Robert Lucas, de há muito que defende que o crescimento económico provém dos “clusters” de talento cultural e de elevado capital humano. Atrair e reter talentos conduz à produção de novas ideias, de inovação e de empresas empreendedoras que lideram o crescimento económico. E a capacidade de atracção de talento é proporcional à capacidade de abertura à diversidade e à tolerância.

Um estudo encomendado pela Comissão Europeia sobre a Economia da Cultura (dois termos que raramente apareciam conjugados até meados desta década) e publicado em finais de 2006, revelou alguns números surpreendentes de quantificação da repercussão socio-económica dos sectores criativo e cultural na União Europeia: em 2003 (EU a 25), a economia da cultura representou 2,6% do PIB europeu (5% nos países mais desenvolvidos – França ou Reino Unido, p. ex.; 1,4% em Portugal), isto é, mais do que o sector automóvel, do que o sector imobiliário, do que o sector têxtil; entre 1999-2003 e economia da cultura cresceu 19,7%, isto é, 12,3% mais do que a taxa média de crescimento; em 2004, empregava cerca de 6 milhões de pessoas, correspondendo a 3,1% do emprego na então Europa dos 25 e tendo crescido, entre 2002 e 2004, quase 2%, num quadro de recessão do emprego. Este estudo, importa lembrá-lo, abrange o sector cultural tradicional, digamos assim, (artes visuais e performativas, património móvel e imóvel), as indústrias criativas

(cinema, vídeo, rádio e tv, viedogramas, música, livro e imprensa), actividades criativas (do tipo design, arquitectura) e o impacto do sector cultural no desenvolvimento das indústrias com ele relacionadas como o turismo cultural, as indústrias TIC (PCs, MP3).

Atente-se no facto de, entretanto, mais exactamente em fins de 2009, o Ministério da Cultura de Portugal ter publicado um estudo assente sobre dados muito mais apurados, no que ao caso português diz respeito, sobre a situação do Sector Cultural e Criativo, em Portugal, em 2006, o qual revela que o sector contribuiu com 2,8% para o total da riqueza criada nesse ano (superior também aqui, às indústrias alimentares e de bebidas ou Têxtil e de vestuário). Também evidencia este estudo que entre 2000 e 2006 num quadro geral de crescimento do emprego na ordem de apenas 0,4%, no sector cultural o emprego aumentou 4,5% (mais por exemplo que no sector imobiliário).

Nas suas conclusões, ao analisar o papel da Cultura no alcance dos objectivos da “Estratégia de Lisboa para a Competitividade, Crescimento e Emprego”, que fora aprovada em 2001, o referido estudo europeu sublinha a especial importância do contributo cultural para a Inovação, o Emprego e a Competitividade.

Ora num mundo sistémico, como aquele em que vivemos, tudo está interligado e a inovação em qualquer o sector da Economia requer uma base de criatividade dentro do processo conjugado das ideias, aptidões, tecnologias e processos de gestão, de organização e de produção. E neste processo complexo a Cultura ocupa um lugar relevante na medida em que através dela ou nela se educa, liberta e promove a projecção do futuro, a imaginação e a sensibilidade na abordagem de problemas e soluções. Aliás a neurociência tem vindo a acentuar a vertente antecipativa da criatividade, a sua vertente exploratória. Recentemente, o jovem neurocientista norte-americano, Jonah Lehrer, mostrou, num livro de sucesso, intitulado, *Proust era um neurocientista*, como, através de caminhos peculiares, grandes artistas da palavra, das linhas e da cor, dos sons ou de domínios mais inesperados como a gastronomia, nas suas criações, exprimiram o que nenhuma experiência fora capaz de ver antes. E ele mostra-o em criadores tão diversos como Walt Whitman ou Paul Cézanne ou Igor Stravinsky ou, claro está, Marcel Proust.

Além disso, a Cultura promove emprego qualificado - o mesmo estudo mostrava que em 2004, no emprego cultural no seio da EU, 46,8% tinham um grau académico superior contra 25,7% nos restantes sectores, - na medida em que não só fomenta, por si, essa qualificação como também suscita, na vertente económica do sector, o emprego de um crescente número de trabalhadores e de agentes culturais (sejam participantes individuais, sejam pequenas e médias empresas ou outras entidades colectivas associativas ou de utilidade pública).

E porque a Cultura promove um enriquecimento civilizacional, uma melhoria de padrões de conhecimento e até um apetrechamento técnico, podemos dizer que ela ainda contribui decisivamente para a empregabilidade ao permitir ampliar o corpo de ideias, saberes, aptidões e competências de cada pessoa activa no mercado de trabalho e de cada jovem que nesse mercado pretende entrar pela primeira vez, fomentando simultaneamente a capacidade empreendedora. Aliás, aliás o estudo de que vimos falando revela que a percentagem de trabalhadores independentes na área da cultura, era em 2004 duas vezes superior ao da totalidade do emprego. De resto, o emprego cultural revela uma natureza atípica que, para muitos observadores, indicia as características do emprego do futuro: flexibilidade, orientação por projectos e requerendo mobilidade e elevados padrões de habilitações e formação.

De notar, ainda, que, no âmbito das habilitações e da formação, o mesmo estudo aponta que as ocupações do sector cultural e criativo requerem cada vez mais, para além do talento e aptidões artísticas, novas aptidões e competências técnicas e de gestão – uma observação especialmente importante diante de uma outra característica: o crescente número de pequenas empresas neste sector. Num mercado de bens e serviços cada vez mais concorrencial, já não basta atender aos dois parâmetros tradicionais: preço e tecnologia. Agora, a competitividade passa fundamentalmente pela diferenciação e pela qualidade desses bens e serviços. E esta dimensão imaterial é gerada por empresas e trabalhadores com criatividade, uma criatividade para a qual decisivamente contribui a educação artística e cultural e que terá de continuar a alimentar-se ao longo da vida na Cultura através das suas mais diversas manifestações.

O estudo da Comissão Europeia sobre a Economia da Cultura constituiu, mais do que uma base de

trabalho muito útil, um instrumento estratégico de demonstração do que o sector representava para a prossecução dos objectivos da Estratégia de Lisboa e conseqüentemente representa hoje para a Europa encontrar o seu caminho próprio na ultrapassagem da crise. Aliás, como consequência imediata assistiu-se pela primeira vez, nos 50 anos de história da União Europeia, à publicação de uma Comunicação da Comissão Europeia sobre cultura propondo a criação em 2007 de uma Agenda Europeia da Cultura. Aí se faz a identificação de prioridades comuns, inspiradas pelos valores que são comuns aos europeus, como a diversidade cultural e linguística, o diálogo permanente com o Outro ou a liberdade de expressão e de criação, devendo ter incidência sobre a vertente económica da cultura mas também sobre o seu aspecto simbólico e de factor de pertença a uma comunidade assegurando, de igual modo, um poder mobilizador para outras políticas comunitárias e uma vocação transversal.

Quer isto então dizer o quê? Que se abrem grandes oportunidades para a cultura – um novo mundo novo - no seio da União Europeia e que pela primeira vez se procura esboçar algumas linhas de acção política comum e se aceita alguma coordenação entre os países membros em matéria de política cultural, o que implica troca e comparabilidade das boas práticas.

Mas por outro lado, é preciso continuar a estar bem consciente de que a cultura e a criatividade não devem ser reduzidas à categoria de motores de crescimento económico e de que o seu alcance ultrapassa largamente os vectores mensuráveis em números ou indicadores de competitividade. Têm uma especificidade que não devem deixar de reclamar constantemente. António Damásio, um dos grandes nomes da neurociência mundial, numa Conferência da UNESCO, realizada em 2006, em Lisboa, salientava, a propósito da necessidade de fortalecer a educação artística para a construção de uma sociedade mais inclusiva, que as narrativas sociais e éticas, fundamentadores dos valores de que as práticas sociais contemporâneas andarão falhos, só podem ser cabalmente exercitadas através das ciências sociais e das artes. São exactamente estas especificidades que devem conduzir à defesa do princípio das políticas públicas de apoio à artes e à salvaguarda e revitalização do património.

Por tudo isto importa

- 1- instalar e desenvolver instrumentos de comunicação que permitam estimular o crescente desenvolvimento de redes de partilha e de cooperação, redes de interações, uma vez que os vários sectores de actividade são hje cada vez mais interdependentes uns dos outros no seu desenvolvimento;
- 2- incentivar meios de apoio ao reforço de competências, transferência de tecnologias e aptidões;
- 3- encorajar e facilitar o empreendedorismo.

As indústrias criativas, aliás, já têm um impacto significativo nas taxas de crescimento, tendo, igualmente, um enorme potencial de crescimento acrescido a ser usado para criar novas oportunidades. Isto obriga a reconhecer a sua natureza específica e a desenvolver um novo pensamento estratégico de desenvolvimento por parte dos poderes locais, regionais e nacionais e por parte da sociedade civil - agentes culturais, empresários, mecenas. Hoje, por isso mesmo, nas sociedades mais dinâmicas economicamente, a sociedade civil contribui decisivamente de modo organizado para as políticas de cultura, incluindo as públicas, envolvendo-se não apenas no seu financiamento, mas na própria estruturação das redes de oferta cultural e na qualificação e salvaguarda do seus conteúdos, quer estejamos a falar de políticas de produção artística contemporânea, quer estejamos a falar de políticas patrimoniais de preservação.

A especificidade de uma cultura local, regional ou nacional, relacionada com a paisagem, o meio ambiente, o património material e imaterial, os equipamentos e actividades artísticas, o tecido de outras actividades produtivas (agrícolas, industriais ou comerciais), etc. – a capacidade de articular e potenciar todas essas dimensões num todo harmonioso – constituem hoje o capital mais relevante do desenvolvimento. Esta visão de rede, na qual se parte da ideia de qualificar o local ou a região para que se transformem em destinos mais atractivos, quer para habitar, quer para visitar, é hoje fundamental para qualquer estratégia de desenvolvimento. Hoje, por exemplo, reconhece-se a importância das estratégias de desenvolvimento

centradas na abordagem das “cidades criativas” e do papel que estas podem ter na expressão e valorização da identidade e da cultura locais de cada espaço urbano, bem como no fortalecimento de dinâmicas de promoção da competitividade e do emprego. Reconhece-se o espaço urbano como palco privilegiado de desenvolvimento das actividades culturais e criativas, em particular daquelas mais inovadoras e das que configuram dinâmicas culturais mais sustentáveis e o papel determinante que as actividades culturais têm na promoção do desenvolvimento e a competitividade dos espaços urbanos, por múltiplas vias (a criação de riqueza económica e de emprego; a configuração de lógicas de participação, de inclusão social e da expressão multicultural; a possibilidade de se associarem a lógicas de regeneração urbana e de requalificação ambiental; a própria dimensão da expressão cultural e identitária que estas práticas configuram, etc).

Compreende-se que todas estas mudança que se configuram no sector da cultura levam a encarar de modo novo as relações estreitas, geradores de enormes sinergias, não apenas entre economia e cultura ou indústrias criativas e cultura, mas também entre educação e cultura, entre turismo e cultura, entre diplomacia e cultura, mormente no quadro da União Europeia. Isto é abre-se para a Cultura um novo mundo novo.

A ligação entre Cultura e Turismo é um outro aspecto muito visível do contributo da Cultura para o desenvolvimento local e regional e que para a Península Ibérica, que tem na indústria turística uma das suas principais fontes de riqueza, se revela prioritário. Vale a pena lembrar que se encontram na Europa os destinos turísticos mais visitados do mundo. Em 2005, o continente europeu registou cerca de 450 milhões de visitantes atraídos por uma Europa que tem a mais alta densidade de património cultural (por exemplo, cerca de 40% dos locais designados Património Mundial da UNESCO estão situados na Europa).

O esforço de restauro e preservação de património por toda a Europa tem sido, de resto, um excelente investimento, representando um instrumento importante de contributo para a atraente oferta de diversidade cultural europeia e para o desenvolvimento de infra-estruturas de apoio.

Não há estatísticas precisas sobre turismo exclusivamente cultural mas vale a pena referir que o sector do Turismo gera 5.5% do PIB europeu e emprega cerca de 9 milhões de pessoas. Assim como valerá também a pena lembrar que o turismo europeu terá inevitavelmente cada vez mais uma vocação cultural face à oferta cada vez maior e mais diversa de turismo de sol e praia em espaços exóticos extra-europeus.

Em função da oferta cultural, o turismo cultural está intimamente associado à visibilidade das cidades. Não se trata apenas de património. Importa sublinhar o papel desempenhado nesta oferta pelas feiras culturais, exposições temporárias, festivais de artes performativas, etc. O Turismo cultural gera receitas significativas e tem relevantes efeitos económicos indirectos. Sem esquecer o contributo para alimentar a permanente base local do desenvolvimento cultural em virtude do envolvimento da população local, da crescente capacidade local para produzir a oferta de bens e serviços requeridos pela procura e a interdependência de todas essas actividades forjando o efeito de “cluster”. Este é também um sector em que as oportunidades são inúmeras na Península Ibérica, e onde é premente criar mais oferta turística cultural.

Uma última e breve palavra para um papel simbólico da cultura que faz dela um instrumento precioso da diplomacia. A Cultura revela-se, ainda, um claro factor de facilitação no contacto com os outros povos e tem, por isso, um reconhecido papel no apoio à diplomacia e ao desenvolvimento dos interesses comerciais do país. É pelo cultural que os povos se conhecem e eliminam os mútuos receios do desconhecido e relativizam as barreiras identitárias que possam obstar à sua aproximação e ao estabelecimento ou consolidação de relações políticas e comerciais. Não estando na linha da frente das realidades políticas geo-estratégicas, a Cultura oferece todavia terrenos e meios de aproximação ou de reaproximação dentro dos quais se estabelecem frequentemente os primeiros ou renovados contactos bilaterais e se desenvolve o meio-ambiente político mais propício ao florescimento de relações mais profundas.

Pela Cultura se conhece o Outro e se interpretam e desvendam os códigos de comunicação dos nossos interlocutores. Pela Cultura nos apresentamos perante o Outro para que nos tornemos interlocutores. Pela Cultura nos entendemos e relacionamos. Se, em tempos, a actividade diplomática se assumia fundamentalmente como canal privilegiado de comunicação política, hoje em dia, reconhecida a importância das relações comerciais, a diplomacia assumiu a integração das considerações económicas no seu meio-ambiente. E, por isso, a diplomacia reconhece cada vez mais a forma como a Cultura representa o cartão de visita, a primeira impressão, a imagem do país que se apresenta, o perfil que sabe ter e que deseja ver reconhecido na diferenciação competitiva. A ela recorre, não por recurso de última instância, mas pelo acesso que proporciona ao necessário diálogo.

Ora este diálogo, nos difíceis tempos que correm na cena internacional, é especialmente necessário. As sociedades modernas, caracterizadas por movimentos migratórios, são cada vez mais sociedades multiculturais que requerem o contributo da compreensão e do diálogo cultural para a sua coesão. E num mundo globalizado, também essa compreensão mútua e diálogo inter-cultural se tornam necessários para impedir que sejam reerguidas barreiras entre sociedades culturalmente diferenciadas que, todavia, podem e devem coexistir na paz proporcionada pelo conhecimento mútuo e pelas vantagens mútuas das suas relações políticas e económicas. A diplomacia reconhece-o e faz hoje da Cultura um dos mais activos pilares de política externa – este um outro espaço de oportunidades da cultura, que já abertamente se designa por diplomacia cultural .

Em resumo, é, pois, de primacial importância desenvolver uma nova e mais ambiciosa abordagem para o sector cultural, alicerçada em estratégias integradas e coordenadas que reforcem a sua ligação efectiva ao mundo real. As políticas de cultura estão destinadas a ganhar mais espaço e coerência na governação europeia e que: indicadores económicos, estatísticas disponíveis e indícios política apontam nesse sentido.

Criatividade é inovação. Inovação é competitividade. Competitividade é negócio produtivo. Negócio produtivo é Emprego. Emprego é possibilidade de bem-estar. Bem-estar é ocupação lúdica e espiritual. Assim é a Cultura no limiar do presente século: um novo mundo novo á nossa espera. Assim saibamos aproveitar e explorar a oportunidade em tempo de crise.